

Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro
Estudo 5 - Deus é santo
Levítico 11, Salmo 77 e 78.

Elaborado por Gerson Berzins
(gerson@pibrj.org.br)

Irmãos e amigos ouvintes, pela graça de Deus podemos mais uma vez estar juntos nesta seqüência de estudos bíblicos sobre A Doutrina de Deus. Deus é santo é o tema que nos ocupa hoje.

A santidade de Deus é sem duvida o atributo divino mais enfatizado na Bíblia. Acima de qualquer outra noção que podemos ter de Deus no texto sagrado, a afirmação de que Deus é Santo se destaca.

“Ó Senhor, quem é como tu entre os deuses? Quem é como tu, glorificado em santidade, terrível em feitos gloriosos, que operas maravilhas?” (Ex. 15:1).

“Não há santo como o Senhor; porque não há outro além de ti; e Rocha não há, nenhuma, como o nosso Deus.” (1 Sm. 2:2).

“Porque assim diz o Alto, o Sublime, que habita a eternidade, o qual tem o nome de Santo: Habito no alto e santo lugar, mas habito também com o contrito e abatido de espírito, para vivificar o espírito dos abatidos e vivificar o coração dos contritos.” (Is.57:15).

Como podemos definir a santidade divina? No nosso cotidiano, a qualidade de santo se tornou algo jocoso, carregando um sentido de ingenuidade, de isolamento das realidades de um mundo que quer se rotular de complexo, esperto e excitante. Nos valores da nossa sociedade parece não haver espaço para a qualidade de santidade. Santidade lembra bitolamento; mente estreita; contrição; ausência de alegria, diversão e beleza. Não é assim? A realidade é que não

podemos permitir que estas distorções do conceito de santidade se acomodem na nossa mente. Devemos entender o que realmente significa a santidade divina e as suas implicações para o nosso viver. Devemos reconhecer a importância que o próprio Deus atribui à santidade, se qualificando a Si mesmo como Santo, mais que com qualquer outro título.

A idéia básica de santidade é de separação. Deus está separado da sua criação: *“Habito no alto e santo lugar...”* (Is.57.15). A infinita glória de Deus e sua majestosa transcendência o colocam em uma posição elevada, não se misturando nem se confundindo com qualquer outra coisa.

Mas, a santidade também significa absoluta perfeição, integridade e pureza. Deus é totalmente separado do mal. Ele não peca, nem se associa a qualquer expressão de pecado, nem induz alguém ao pecado. Esta perfeição absoluta é exemplificada pela luz: *“Ora, a mensagem que, da parte dele, temos ouvido e vos anunciamos é esta: que Deus é luz, e não há nele treva nenhuma.”* (1 Jo.1:5)

A santidade divina é algo majestoso e tremendo. Ao se ver frente a ela, o jovem Isaías sentiu-se perdido, como relata no capítulo 6 do seu livro. Na visão que teve, viu serafins invocando o Senhor com o tríplice chamativo de Santo, Santo, Santo. O apóstolo João, quando na ilha de Patmos teve a visão da glória de Deus, presenciou o mesmo chamativo triplo (Ap.4.8). Não é significativo que na sua glória, Deus é constante e

enfaticamente reverenciado pela sua santidade?

A santidade divina é ainda contagiante. Porque Deus é santo, o seu nome também o é.

“Portanto, assim diz o Senhor Deus: Agora, tornarei a mudar a sorte de Jacó e me compadecerei de toda a casa de Israel; terei zelo pelo meu santo nome.” (Ez.39:25)

“Não tomarás o nome do Senhor, teu Deus, em vão, porque o Senhor não terá por inocente o que tomar o seu nome em vão.” (Ex. 20:7)

“Então, ele os ensinou: Quando orardes, dizei: Pai, santificado seja o teu nome; venha o teu reino;” (Lc.11:2)

A santidade de Deus também contagia o lugar reservado para a sua adoração:

“Bem-aventurado aquele a quem escolhes e aproximas de ti, para que assista nos teus átrios; ficaremos satisfeitos com a bondade de tua casa - o teu santo templo.” (Sl.65:4).

E assim, podemos entender o porquê da recorrente ênfase bíblica na necessidade de nós buscarmos a santidade para podermos ser admitidos à presença de Deus, e o podermos louvar e adorar.

“Então, Josué disse ao povo: Não podereis servir ao Senhor, porquanto é Deus santo, Deus zeloso, que não perdoará a vossa transgressão nem os vossos pecados.” (Js. 24:19)

“Quem, Senhor, habitará no teu tabernáculo? Quem há de morar no teu santo monte?” (Sl.15:1)

“Eu sou o Senhor, que vos faço subir da terra do Egito, para que eu seja vosso Deus; portanto, vós sereis santos, porque eu sou santo.” (Lv.11:45)

“Quem não temerá e não glorificará o teu nome, ó Senhor? Pois só tu és santo; por isso, todas as nações virão e adorarão diante de ti, porque os teus atos de justiça se fizeram manifestos.” (Ap.15:4)

Nas considerações sobre a doutrina de Deus, os teólogos classificam os atributos divinos em dois grupos. O primeiro compõem-se daqueles atributos que são exclusivos de Deus. Só Ele os possui, como eternidade, imutabilidade, onipotência, onipresença e onisciência. São os chamados atributos incomunicáveis. O segundo grupo, chamado de atributos comunicáveis são aqueles que Deus também transmitiu à sua criatura humana, ainda que de forma imperfeita, frente à perfeição desses atributos em Deus. Claramente, a santidade é um dos atributos comunicáveis. Deus fez o homem santo, o pecado corrompeu esta santidade, e Deus deseja de todo modo a santidade humana, como condição necessária para que seja estabelecida a perfeita comunhão entre o Criador e a criatura.

Podemos agora entender melhor a aversão da nossa cultura mundana ao conceito de santidade. Não é apenas aversão ao conceito. É aversão ao próprio Deus Santo. E para não sermos induzidos ao erro que o mundo quer difundir, devemos nos lembrar que a santidade de Deus é a beleza perfeita: *“...Adorai ao Senhor na beleza da sua santidade.”* (ICr.16.29 e Sl.96.9). A santidade divina é também júbilo e alegria: *“Gloriai-vos no seu santo nome; alegre-se o coração dos que buscam o Senhor.”* (Sl.105:3).

Para nós permanece a advertência e o apelo de Ap.22.11: *“Continue o injusto fazendo injustiça, continue o imundo ainda sendo imundo; o justo continue na prática da justiça, e o santo continue a santificar-se.”*